

---

**Um símbolo nacional em debate: a seleção brasileira masculina de futebol após o 7 a 1 e a crise no conceito de “país do futebol”**

**Debating a national symbol: Brazilian Male Soccer Team after the defeat to German and the crisis in the concept of “the country of football”**

André Ferreira LAMOUNIER<sup>58</sup>  
Francisco Ângelo BRINATI<sup>59</sup>

**RESUMO**

A Seleção Brasileira Masculina de Futebol foi qualificada como símbolo nacional ao longo dos anos. Por meio da Análise de Conteúdo e do suporte teórico da área de Comunicação e Esporte, o artigo se propõe a verificar como a cobertura da Copa 2018 pelo Jornal O Globo tratou os campeonatos anteriores, o contexto do país e a relação com a torcida. Os dados obtidos contribuem para a discussão sobre a concepção atual da equipe como símbolo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Seleção Brasileira de Futebol; Copa do Mundo; Análise de Conteúdo; Jornalismo Esportivo; Comunicação e Esporte.

**ABSTRACT**

The Brazilian Male Soccer Team has been qualified as a national symbol over the years. Using Content Analysis as a methodology and theoretical support of Communication and Sports area, this article aims to verify how the coverage of the World Cup of 2018 by O Globo newspaper has treated previous championships, the Brazilian's political context and the team's relation with the fans. The obtained data contributes for the discussion of the current concept of the team as a symbol.

**KEYWORDS:** Brazilian Male Soccer Team; World Cup; Content Analysis; Sports Journalism; Communication and Sports.

**INTRODUÇÃO**

O futebol vivenciou diferentes momentos durante os mais de 100 anos de prática no Brasil. Da chegada ao país ao fiasco na Copa de 2014 e o inédito ouro olímpico em 2016,

---

<sup>58</sup> Recém-graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), e-mail: [andreferreiralamounier@gmail.com](mailto:andreferreiralamounier@gmail.com)

<sup>59</sup> Orientador do trabalho. Professor Adjunto da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), e-mail: [chicobrinati@ufs.edu.br](mailto:chicobrinati@ufs.edu.br)

---

tivemos uma série de mudanças na representação desse esporte. No começo era praticado e assistido apenas pelos mais ricos, mas se popularizou com o passar dos anos. Nos acostumamos a acompanhar multidões indo aos estádios torcer pelo time do coração. Vimos a cobertura esportiva na televisão crescer exponencialmente.

Esse esporte ainda foi responsável por gerar discussões extracampo. A criação dos clubes, o elitismo, a profissionalização dos jogadores, o estilo de jogo, as ressignificações sociais, tudo isso levantou reflexões de jornalistas, intelectuais e políticos. Esteve ainda relacionado a momentos históricos do país, influenciado e influenciador de questões políticas e sociais. Da democracia racial e social atrelada ao esporte na visão de Freyre (1998) e Mário Filho (2010), passando pelo seu uso político (principalmente no período ditatorial) até chegar aos questionamentos dos valores gastos para construção de estádios na Copa do Mundo Brasil 2014, o futebol sempre foi mais que só o esporte.

No meio de todas essas questões, a seleção brasileira cresceu e se tornou referência. As cinco conquistas de Copas do Mundo tiveram papel fundamental para a construção do “país do futebol”. O termo “pátria de chuteiras”, imortalizado por Nelson Rodrigues, seria largamente utilizado, discutido e criticado.

Se constatamos esse esporte como importante campo de discussões, reforçamos também que é um forte veículo simbólico. A seleção é um dos melhores exemplos: uma reunião de jogadores de diferentes regiões do país, com diferentes características e em prol de um bem único: representar o país em uma competição internacional.

Vale destacar também que o futebol no Brasil não se fez apenas de construções positivas. A importância dada foi, por vezes, tida como exagerada. As representações de que esse seria um “ópio do povo”, além do uso político e econômico, somados aos números sociais preocupantes do país, culminaram numa rejeição de uma parcela significativa da população.

O interesse do brasileiro também mudou ao longo do tempo. O que já foi uma “pátria de chuteiras” imortalizada por Nelson Rodrigues “calçaria chuteiras cada vez menores” nas últimas décadas, na visão do pesquisador Ronaldo Helal (2014), já por volta dos anos 2000, antes mesmo do país receber sua segunda Copa.

---

## O CONTEXTO ATUAL

Em 2007, o Brasil foi escolhido como o país sede da Copa do Mundo de 2014. Nesse período, o país esteve imerso em uma série de altos e baixos. Dentro de campo, ficou em primeiro lugar nas eliminatórias, mas acabou eliminado nas quartas de final da Copa do Mundo África do Sul 2010. Eliminado também na Copa América Argentina 2011, mas campeão da Copa das Confederações de 2009 e 2013. Fora de campo, o país esteve em bom momento político/econômico, se tornando a sexta maior economia do mundo e integrando o grupo das potências emergentes, o BRICS<sup>60</sup>. Mas também vivenciou momentos de grandes protestos nas jornadas de 2013, com forte insatisfação popular pela ineficiência de serviços públicos e os gastos altos em projetos relacionados ao mundial. Anos depois, ocorreram o processo de impeachment de Dilma Rousseff e um momento de forte instabilidade econômica e política.

O resultado da Seleção Brasileira na Copa do Mundo Brasil 2014 ficou marcado na história. Talvez, mais até do que 1950. A derrota por 7 a 1 na semifinal contra a Alemanha foi umas das maiores goleadas da história das copas. Jogando em casa, o resultado foi ainda mais duro no campo simbólico e representou um dos momentos de maior ruptura na relação entre time/torcida (BRINATI, 2016).

Dois anos depois, um novo megaevento esportivo em terras brasileiras: os Jogos Olímpicos Rio 2016 e a conquista de um feito inédito: a medalha de ouro para a seleção brasileira, composta por vários jovens jogadores e cujo torneio viveu altos e baixos, com resultados ruins nos primeiros jogos, mas que teve na conquista um impacto positivo - mesmo que sutil - na relação time/torcida. (BRINATI, LAMOUNIER, 2018).

No dia seguinte a essa conquista, o técnico Tite – que havia assumido o cargo recentemente – realizou a sua primeira convocação à frente da Seleção Brasileira Masculina de Futebol, com vários jogadores que fizeram parte do grupo campeão nas Olimpíadas. À época, o Brasil estava na sexta colocação das Eliminatórias para a Copa do Mundo Rússia 2018, resultado que deixava a seleção fora do grupo que disputaria a copa. Dali em diante, a

---

<sup>60</sup> Acrônimo formado pelas iniciais em inglês de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

---

seleção teve uma guinada, engatou uma série de resultados positivos e conquistou o primeiro lugar da disputa, garantindo vaga para a 21ª Copa do Mundo de sua história, realizada entre os dias 14 de junho a 15 de julho de 2018, em onze cidades do território russo.

## **APRESENTAÇÃO DA PESQUISA**

A pesquisa teve início a partir do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de São João del-Rei com recursos da Fundação de Apoio a Pesquisa de Minas Gerais. O objetivo foi investigar a participação da seleção brasileira masculina de futebol na conquista do ouro olímpico na Rio 2016 e as comparações com a Copa 2014. Esse trabalho teve continuidade no Trabalho de Conclusão de Curso, cuja investigação aqui apresentada consiste numa análise de conteúdo da cobertura do jornal O Globo, agora durante a Copa 2018.

A Análise de Conteúdo é definida como “método de estudo das mensagens que considera quem comunica o quê, para quem, por quê, com qual propósito ou efeito, através de métodos de sistematização quantitativa” (NEIVA, 2013, p. 25). Dessa forma, as hipóteses iniciais são confrontadas com resultados empíricos. Nessa pesquisa, foram formuladas 16 perguntas numa plataforma online de formulários, de forma que cada conteúdo era analisado e tabulado com base nessas perguntas e as respostas inseridas em uma planilha eletrônica. Essas perguntas se guiaram a partir dos seguintes critérios: a) entendendo o futebol como símbolo do país, analisar como a seleção brasileira gerou discussões extracampo; b) observando aproximações e distanciamentos do torcedor com a seleção ao longo dos anos, investigar como foi retratada a relação time/torcida; c) compreendendo o momento atual da equipe, apurar como a Copa 2014 e as Olimpíadas 2016 foram citadas na cobertura da Copa 2018,

A escolha pelo jornal impresso se baseia na Pesquisa Brasileira de Mídia, que apontou que 32% dos entrevistados têm o hábito de ler jornais, 59% não realizam outra atividade enquanto leem e é o veículo que apresenta melhor credibilidade: 61% das mulheres e 58% dos homens disseram confiar sempre ou quase sempre no veículo. (BRASIL, 2016, p. 67-84)

Já a preferência pelo jornal O Globo tem três explicações: a primeira é o fato da publicação ser uma das que possui maior tiragem no país – a segunda maior em 2017, de

---

acordo com o Instituto Verificador de Conteúdo. O segundo motivo é o destaque dado ao esporte, com cadernos temáticos e variedade de colunistas. O terceiro é dar continuidade ao formato de pesquisa iniciado pelo autor com o trabalho sobre a cobertura da Rio 2016.

A pesquisa foi desenvolvida com publicações entre os dias 10 de junho (primeiro dia de Caderno Especial de Copa e quatro dias antes da abertura) até 19 de julho (quatro dias depois da final). Ao longo desses 39 dias, a pesquisa separou e analisou 222 conteúdos, que foram lidos, catalogados digitalmente, analisados e tabulados.

## **REFERENCIAL TÉORICO**

A construção da imagem da Seleção Brasileira foi bastante influenciada pela mídia, pelos intelectuais e políticos, desde a sua criação. E nesse sentido, um dos principais expoentes do assunto nos jornais é Nelson Rodrigues. Autor do termo “pátria de chuteiras”, o escritor pernambucano dedicava parte do seu trabalho para comentar as partidas da seleção nacional. Outro grande expoente é o irmão de Rodrigues, Mário Filho, imortalizado pelo trabalho no jornalismo esportivo e homenageado com o nome do principal estádio de futebol do país, o Maracanã. Destaca-se também Gilberto Freyre, antropólogo e autor de obras consagradas como *Casa-grande e Senzala* (1933) e *Sobrados e Mucambos* (1936).

Com a exaltação de ideias patriotas em um esporte com regras bem avaliadas, o futebol se tornou também um interesse das lideranças políticas, como descreve Souza (2008):

Para os ideólogos do período estava evidente a associação entre as práticas desportivas e a construção de uma identidade nacional. Assim, era necessário neutralizar os modelos contrários ao pretendido, principalmente os do malandro e do subversivo. Com esse objetivo, os esportes desempenhavam uma dupla função: como parte integrante do projeto educacional e como forma de espetáculo cívico. Em ambos os aspectos o que ficava destacado era que se pretendia construir era calcada no ideal da disciplina (SOUZA, 2008, p. 98).

Evidente, que diante dessas representações, surgem também questionamentos. Ramos (1984) explica que essa construção também foi ressignificada como um ópio do povo. “Em

---

relação ao selecionado nacional, o futebol seria uma arma com o objetivo de ocultar as diferenciações de classe, permitindo que o empresário e o trabalhador se sintam pertencentes a um mesmo grupo, a uma mesma família” (RAMOS, 1984 apud SOUZA, 2008, p. 21).

Dentro dessas discussões entre Seleção Brasileira, Comunicação e Esporte, destaca-se o pesquisador Ronaldo Helal. No artigo “Pátria de chuteiras? Como os brasileiros pensam a seleção”, ele trabalha e questiona esses traços característicos do “ser brasileiro”:

O estilo de jogo e as celebrações dos torcedores são publicamente reconhecidos no Brasil como traços nacionais. Em um plano, temos o tão celebrado ‘futebol-arte’ glorificado como a forma genuína de nosso suposto estilo de jogo, e o entusiasmo e os diversos modos de torcer como características típicas de ser brasileiro. Mas, no plano organizacional, não enaltece determinados aspectos, como a estrutura administrativa – alvo de ataques e denúncias de corrupção –, uma vez que eles falam de algo indesejado da cultura: a política de troca de favores na resolução de obstáculos da vida cotidiana. Nesse sentido, tais traços – que falam do lado mais perverso e indesejado do ‘jeitinho’ brasileiro – não são exaltados como representativos do Brasil que idealizamos (HELAL, 2014, p. 17).

Helal (2014) argumenta ainda que essas construções identitárias a partir do futebol tiveram um papel importante na construção da identidade nacional. Para ele, elas possuem força e eficácia simbólica, mas que passavam por questionamentos e possuíam cada vez menos impacto no cotidiano do brasileiro, principalmente na virada do século.

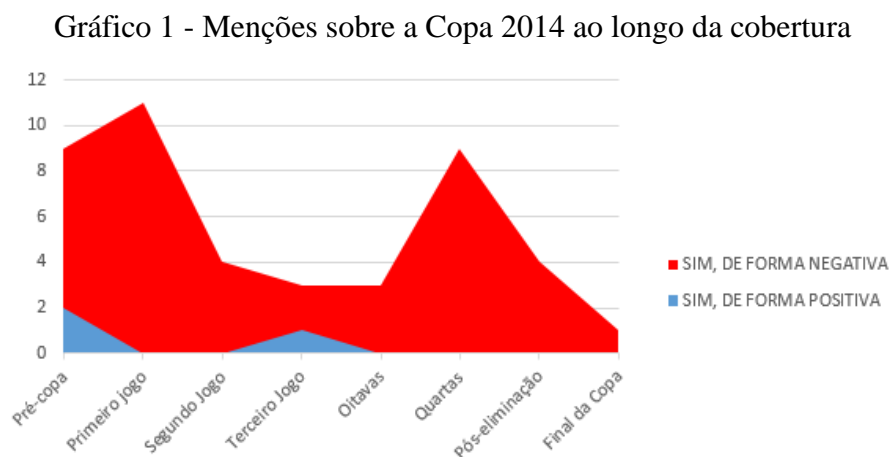
Por fim, Brinati (2016) destaca que tem sido recorrente a construção discursiva que o Brasil já não é mais a pátria de chuteiras, como ao concluir sua pesquisa dizendo que o time de 2014 teria “perdido a identidade do futebol brasileiro, segundo a imprensa (...)” (BRINATI, 2016, p. 276). Importante destacar que esse posicionamento é apresentado tendo em vista a construção de discursos sobre a seleção até a Copa do Mundo Brasil 2014, sendo, porém, importante reavaliar as construções realizadas após o 7 a 1: a conquista do ouro na Rio 2016 e a Copa do Mundo Rússia 2018. A diminuição do vínculo entre seleção e time continuaram a ser relatadas pela imprensa? De que modo o contexto social brasileiro impactou na cobertura da Copa? E como o 7 a 1 e a inédita medalha de ouro foram abordadas na Rússia? É o que apresentaremos a seguir.

## RESULTADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO SOBRE A ATUAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA 2018 PELO JORNAL O GLOBO

### Menções à Copa 2014

Dos 222 conteúdos catalogados e tabulados, a imensa maioria - 78,8% - não faz nenhuma menção à Copa do Mundo de 2014, que foi disputada no Brasil. 19,8% fazem menção negativa e 1,4% faz menção positiva ao mundial. Ou seja, a cobertura não cita o mundial passado muitas vezes e, quando assim faz, relembra de forma negativa. Vale pontuar que o resgate ao mundial passado poderia tanto acontecer por questões dentro de campo – uma comparação entre times – quanto extracampo: aspectos diferentes da organização do mundial na Rússia ou no Brasil.

A partir de um gráfico que relaciona o número de menções ao longo da cobertura, verifica-se um predomínio de citações no começo da Copa, como uma comparação entre o mundial passado e o que será disputado. Essa comparação diminui de acordo com as partidas disputadas e sobe novamente quando o Brasil é eliminado, agora com comparações entre a derrota de 2014 e a derrota de 2018.



Fonte: Autor (2019).



### **Jogos Olímpicos 2016**

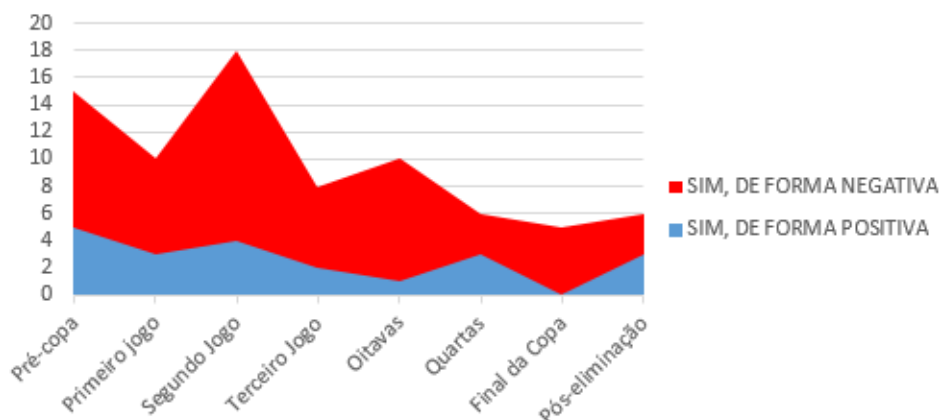
Sobre citações relativas às Olimpíadas de 2016, disputadas no Rio de Janeiro e que tiveram a conquista da inédita medalha de ouro para o time masculino de futebol, o resultado mais surpreendente: apenas uma menção positiva e nenhuma menção negativa em 222 conteúdos analisados. Esse dado demonstra pouco prestígio da conquista da inédita medalha de ouro para o contexto da Copa, mesmo considerando que Marquinhos, Fred, Douglas Costa, Neymar e Gabriel Jesus estiveram na Rio 2016 e disputaram a Copa de 2018. Pode-se supor uma outra questão: mesmo sendo um título inédito, a cobertura d'O Globo optou por comparar Copa com Copa, já que possuem os mesmos formatos de disputa.

### **A situação do país**

Numa análise sobre as referências ao momento político/financeiro/social atual do país, em reportagens sobre a Copa do Mundo e/ou sobre a Seleção, tivemos o seguinte resultado: 55,4% do conteúdo não mencionaram o país, 35,1% mencionaram de forma negativa e 9,5% de forma positiva. Na análise com o passar dos dias, percebe-se que esse número é maior no pré-Copa e diminui ao longo dos dias, exceto no momento do segundo jogo, quando estouram denúncias de assédio de torcedores brasileiros a mulheres na Rússia, que faz o número de menções negativas crescer substancialmente. Mas, importante frisar que em toda a cobertura a situação do país foi constantemente abordada e criticada, como um certo desânimo de torcer pela seleção com uma conjuntura política, econômica e social desfavorável no país. É tanto que as citações negativas são quase quatro vezes mais recorrentes que as positivas.



Gráfico 2 - Menções sobre a situação do país ao longo da Copa



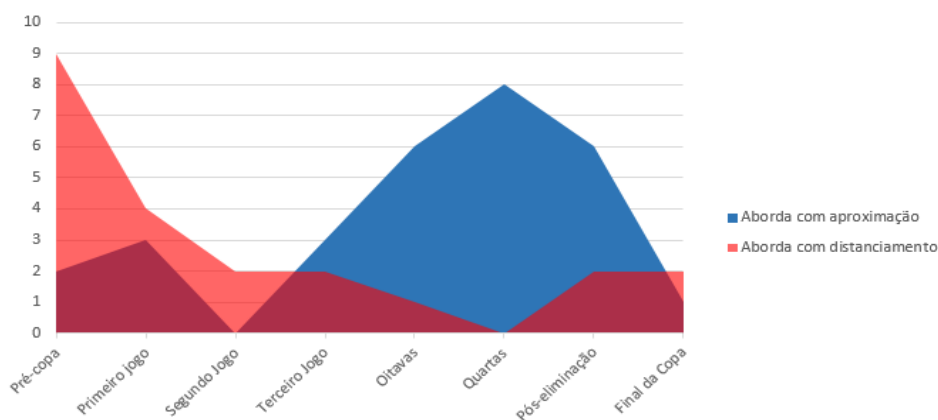
Fonte: Autor (2019)

### A relação com a torcida

Já na análise das referências aos torcedores, em busca de verificar se a torcida estava mais próxima ou afastada da Seleção, tivemos os seguintes resultados: 77% do conteúdo não abordaram o assunto, 13,1% abordaram com aproximação e 9,9% abordaram com distanciamento.

E na análise das citações sobre a torcida ao longo da cobertura, verifica-se uma presença forte de menções ao distanciamento no início da cobertura, que diminui ao longo do tempo, chega ao menor percentual nas quartas de final, quando o Brasil é eliminado, e volta a crescer no final da Copa. Já o gráfico de aproximação mostra presença de referências positivas desde o começo, cai na segunda partida e que cresce expressivamente dali em diante, chegando ao ápice nas quartas de final.

Gráfico 3 - Relação time/torcida ao longo da Copa



Fonte: Autor

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil viveu entre os anos de 2013 e 2018 um conturbado contexto político, econômico e social. Nessa pesquisa, buscamos investigar especialmente como as questões externas eram relacionadas às questões do esporte, com enfoque na Copa da Rússia, mas compreendendo o processo como um todo. Quase a metade dessa cobertura fez alguma relação entre seleção e contexto do país e a maior parte das vezes foi de forma negativa. Isso reforça o aspecto de que o futebol no Brasil, às vezes de forma otimista e às vezes de forma pessimista, sempre suscita discussões sobre questões além das quatro linhas. Nesta Copa, vimos menções recorrentes à corrupção, à falta de saúde e educação públicas de qualidade e aos casos de violência que assustam o brasileiro.

Investigamos também como a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016 impactaram a cobertura do mundial de 2018. Esses torneios, de forma geral, não foram muito citados: a Rio 2016 teve apenas uma referência em mais de 220 conteúdos analisados e, com relação a Copa, 1 em cada 5 conteúdos teciam algum comentário e, quando o faziam, eram na imensa maioria negativos, ou sobre atraso nas obras ou sobre o 7 a 1. Dessa forma, avaliamos que as citações sobre a Copa correram em número razoável: não se fala sobre o mundial passado tantas vezes no mundial seguinte, e quando se fala, geralmente acontece no começo e no final da cobertura, tal qual vimos na análise sobre O Globo. O número expressivo de menções

---

negativas era também esperado, visto que o mundial de 2014 já havia sido apontado como o de "maior ruptura entre time e torcida".

Por fim, destacamos as citações do jornal O Globo quanto ao envolvimento da torcida com o time. E esse dado é, possivelmente, o mais interessante de toda a cobertura. 13,1% do total do conteúdo publicado no O Globo aborda a torcida com aproximação e 9,9% com distanciamento. É um sintoma claro de acirramento do interesse do brasileiro e corrobora com o posicionamento de ruptura entre time e torcida. Mas, avaliando o total de menções com o desenrolar da cobertura, percebemos que o distanciamento é forte no começo e cai ao longo da disputa. Já a aproximação é pequena no começo e cresce com o passar dos jogos, chegando ao ponto máximo nas quartas de final, quando o Brasil é eliminado.

Os resultados obtidos pela análise deste trabalho suscitam questões que merecem ser analisadas no futuro: até que ponto o momento de estresse social causado pela violência, pela corrupção e ausência de serviços sociais básicos impacta no interesse do brasileiro pelo futebol e pela seleção brasileira? Até que ponto o resultado do 7 a 1 causou desinteresse na torcida? O alto número de gols sofridos para a Alemanha na semifinal da Copa de 2014 supera o descontentamento pelas obras inacabadas, superfaturadas e em vários casos, denunciadas por corrupção de empreiteiras e políticos? Não seriam esses fatores extracampo os principais causadores do desânimo do torcedor? Se por acaso, na próxima Copa do Mundo, a seleção brasileira encerrar o jejum de 20 anos sem títulos, teremos uma renovação no interesse do brasileiro? Uma conquista de Copa num cenário conturbado do país é suficiente para retomar a aproximação entre time e torcida?

Essas são questões que devem ser acompanhadas para o futuro. Mas considerando toda a evolução histórica, registramos que em 2018, assim como em outros períodos, observamos, pela cobertura do O Globo, o futebol sendo mais uma vez campo de discussões sociais e a seleção sendo veículo simbólico. Observamos também que a relação time e torcida ainda existe, apesar de abalada pelos ocorridos recentes tais como a derrota por 7 a 1, entre outros.

## **REFERÊNCIAS**

---

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2016.

BRINATI, Francisco Ângelo. **Maracanazo e Mineiraten: imprensa e representação da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

BRINATI, Francisco Ângelo; LAMOUNIER, André Ferreira. A retomada da identificação? As representações discursivas da Seleção Brasileira Masculina de Futebol na cobertura d'O Globo no Rio-2016. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2018. Joinville. **Anais...** Joinville: Intercom, 2018, p. 1-14.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro, Editora Record, 34ª edição, 1998.

HELAL, Ronaldo. **Pátria de chuteiras? Como os brasileiros pensam a seleção**. Ciência Hoje. Rio de Janeiro, vol. 53, n. 314, p. 16 - 21, 2014.

NEIVA, Eduardo. **Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia**. São Paulo: Publifolha, 2013.

SOUZA, Denaldo Achorne de. **O Brasil entra em ação! Construções e reconstruções da identidade nacional**. São Paulo: Annablume, 2008.